

EDY JUSTINO

Eu... Ostra!

Poemas



Eu...
Ostra!
(Poemas)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Reitor

Liana Filgueira Albuquerque
Vice-Reitora



Natanael Antônio dos Santos
Diretor Geral da Editora UFPB

Everton Silva do Nascimento
Coordenador do Setor de Administração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos
Coordenador do Setor de Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à



Edy Justino

Eu...
Ostra!
(Poemas)

EDITORA UFPB
João Pessoa
2024

1ª Edição – 2024

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 01/2023 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO
SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Projeto gráfico - **Editora UFPB**
Revisão de Textos: **Jullie Veiga Ferro &
Elizabeth Senra Guessada**
Editoração eletrônica - **Alice Brito**
Design de capa - **Jerfson Oliveira**
Ilustração e Foto da capa/contracapa - **freepik.com**

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

J96e Justino, Edy.
Eu... ostra! (poemas) [recurso eletrônico] / Edy Justino. - Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora UFPB, 2024.

Ebook.
Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN: 978-65-5942-258-6

1. Poemas. 2. Poesias. 3. Literatura brasileira. I. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I
Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: editora@ufpb.br Fone: (83) 3216.7147

‘A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo, a ostra diz para si mesma: “Preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire as pontas...” **Ostras felizes não fazem pérolas...** Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída... Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem o nome de curiosidade. Esse livro está cheio de areias pontudas que me machucaram. Para me livrar da dor, escrevi’.

Rubem Alves

A Todas as Mulheres, estado, país e mundo afora que,
em um ato de coragem, lançam-se às suas
escrevíveis narrativas e poéticas, rumo
tanto ao deleite estético quanto aos
mergulhos realizados, nelas mesmas.

agradecimentos

À Positividade Universal (Espiritualidade Maior/Amiga) pelas Benevolências derramadas em nosso Viver/Existir. Pelas inspirações e direcionamentos rumo à Vida em Dignidade, Partilha, Justiça e Afeto.

À Editora UFPB, pelo compromisso institucional e cultural, pelo respeito e reconhecimento aos novos afloramentos humanos poéticos. E pela sensibilidade no trato com a visibilidade das Obras e dos Artistas que se movem com a Arte Literária (Poética).

Aos demais pares de olhos responsáveis, comprometidos e respeitosos que, em confiança e afeto, se lançaram comigo nos processos técnicos (Revisão, Formatação, etc.) que precederam a publicação desta Obra.

Aos que, em gentileza, afeto ao fazer poético e/ou simples curiosidade, se lançarão à leitura destes fragmentos de vida diluídos nos textos poéticos que o constituíram.

sumário

Apresentação 13

Prefácio 14

I OSTRAS... REFLEXIVAS!

A poesia 17

Mestre do tempo 18

Ela 19

Ocasão 20

Macabeando na vida 22

A fugitiva 24

Advertência 25

L'âme du poète 27

Conjugativa 28

Toxicidade 29

Tatuagem 31

Estado 32

Pisca pisca humano 33

Querubina!	35
Tic, Tic, Tic...	36
Alma performativa	38
Coisa de dentro	39
Anotação	41
A menina e o vento	43
A estrangeira	45
Elétrica(mente)	46
Laços ou nós?	47
Afirmção	48
Tenência	49
Temperatura	50
Faces	51
Percurso I	52
Percurso II	53
O bicho	54
Karabanizou	55
Anti-horária	56
No seu lugar	57

Performativa 58

Atrevida(mente) 59

Sobre ela 60

O sino 61

II

OSTRA... EMPODERADA!!

Eu... Ostra! 63

Recado de minh'alma 66

Conjugação debochativa 68

Transmutativa elementar 70

Banco de reserva 73

Floreamento 75

Com as pedras 76

Chega...!!! 77

Embarcação 79

Alto-mar 81

Autoexplicativa 82

O que não cabe 83

Em realidade 84

A criadora	85
Margarida em flor	86
Artilheira	87
Enxergamento I	88
Enxergamento II	89
A lançadora	90
Beija-flor	91
Liberdade inventada	92
Remetente	93
Conselhos	94
Oracular I	96
Oracular II	97
Crime inafiançável	98
Atleta pluviônica	99
Morada	100
Fez-se o oceano!	102
A fuga	103
Proporcional(idades)	104

Sou...	105
Esclarecimento(s)!	106
Amor performativo	107
Ap(ego)	108
Conferência	109
Atiradeira	110
Submersa	111
O conselheiro	112
Labut(ativa)	113
Vendada	114
Vida bela	115
Oferenda	117
Sob as cinzas	119
Retrovisor	121
Referências	123
Posfácio	124
Sobre a autora	128

apresentação

Poemas,
como corpos,
carregam sangue
e água
e pedaços de
todos que já nos amaram.

Upile Chisala

O *Eu...Ostra! (Poemas)*, em realidade, nada mais é do que um espaço humano poético no qual, a “Ostra” é compreendida como *constructo* de reconstrução, lapidação e, por isso mesmo, ela é, aqui, utilizada como metáfora para se (re)pensar acerca das efervescências internas-externas do humano que, por meio de um *sujeito poético*, manifesta as capturadas acontecências que lhe assola a vida, a alma, o existir.

Reflete suas experiências vivências, e também lhes põe para fora de si mesmos, com o intuito de se apresentar como natureza performativamente reformulada, a dar-se em partilha a quem queira acessá-la e senti-la. Agora, é fechar os olhos e sentir-se convidada(o) a ouvir a discursividade poética da “Ostra” em transmutação!

A Autora

prefácio

Da onde nasce a Poesia? Já me perguntei muito isso e, mais ou menos, cheguei à conclusão de que a Poesia é um pedaço indiscutível de Deus e da Deusa. Não nasce. Existe. E nós, os poetas e sonhadores, vez em quando pedimos licença a Ela para se manifestar através de nossas palavras e rimas. Num livro que se chama *Ostra*, penso que a Poesia veio do Mar. Das águas claras de Janaina. Vejo Iemanjá radiante, passando seu manto azul, também chamado de onda, molhando a mente da Edy para que ela desague nesse compilado de expressão artística. Eu, que escrevo estas palavras quase de frente pro mar, também deságuo em alegria de ver mais uma poeta manifestar seu dizer pro mundo.

João Cabral diz que escrever é como catar feijão, mas eu diria que, para esta obra literária, escrever está mais para procurar as pérolas que estão logo ali, submergidas nos sentidos dos poemas. Poesia tirada da conchinha das mãos. Imersas em suas marés de mulher, Edy passeia pelos estilos e sabores que a Modernidade nos permite. Seja numa Ostra Reflexiva, que nos diz, “macabeando a vida”, sobre remar em seu próprio corpo; seja numa Ostra Empoderada, a qual demonstra, em “Autoexplicativa” que “*gente molhada não se submete a nada; menos ainda a padecer na seca*”. A temática das águas, portanto, não ocupa só o título, mas o arcabouço ideológico desse compilado poético.

Edy, cabocla do Sertão que é, também passeia pelo universo literário saudando à Mãe Terra. Saúda à sabedoria do marimbondo, faz aliteraões quase concretistas sobre a raia, até que chega em si, bicho solto, levando a criança pra passear com a adulta. Esse olhar atento aos movimentos do Universo é o que melhor traduz a poética da autora. Faz a gente viajar junto por esse mar de sentidos.

Em algum momento do livro, Edy diz algo que me toca mais especialmente: liberdade não tem preço. E *Ostra* me parece um jeito de exercitar essa máxima. A Deusa Afrodite, nua e delicada em sua expressão de Amor, aqui, se faz palavra rimada nessa concha aberta de possibilidades. Que – da gota d’água aos oceanos – minha amiga Edy se molhe sempre de Arte e Luz.

Samelly Xavier¹

1 É uma mulher cheia de palavras!. Poeta, Oraculista, Professora, desenvolve projetos que envolvem a escrita e cura; a escrita e o autoconhecimento; a escrita e a vida! Possui quatro livros publicados (Ousadia, 2003; Universo: O verso une, 2005; ETC, 2007; Textos pra ontem, 2018)! Samelly Xavier (@samellyces), Natal 30 de outubro de 2022.

Ostra...

Reflexiva!!

Eu ainda estou aprendendo a fazer uma língua
da minha dor,
a escrever tudo o que dói.
Eu ainda estou ensinando ao meu lado frágil
e ao meu lado forte
que eles podem coexistir.

Upile Chisala

A poesia

Sou gente de
Sorte
Todo dia a
Poesia
Essa entidade
Forte
Me sequestra da
Realidade
Me põe em
Generosidade
No banco dos
Sonhos
Que é para não
Morrer:
do tédio
da não
folia
do
VI-VER!

Mestre do tempo

O silêncio fiel amigo,
de empreitada,
protetor de meus
sonhos e jornadas
Me liberta,
dos olhos
inquisidores,
das bocas
maledicentes,
das manipulações,
covardemente,
arquitetadas.

Esse bem fazejo
do tempo
devolve-me
ao reflexivo ser
o precioso
alaúde
o poder de,
sem culpa,
nem desculpas,
ser eu mesma
em plenitude!

Ela

Enfia a cara toda
em minha vida
desmantela tudo
se apossa desinibida
faz de seu querer
sua casa guarida.

E de olhos bem fechados
a expiar de dentro pensamento
me reconheço em desguardamentos
de cá do centro de minha primavera
era Ela, minha autonomia, esquecida
reativando-se em remordimentos.

De fora. De dentro. De ontem.
De hoje. De agora.
Reflexiva. Transmutativa.
Ela. Ela. Ela. E Ela...
Em (des)cabimentos!

Ocasão

Era um movimento
em que no momento,
só causava,
confusão!

Para uns abria
a boca
além do pálido
sorriso e,
para outro(a)s,
soltava,
de propósito,
o enfadonho
carão!

Mas, o que
tudo isso
seria?
desalegria,
correria,
raiva,
reunião
ou um

caso claro,
de planejada,
despretensão?

Esse seu agir,
de agora,
era a dita das
gentes de outrora,
em que: “a ocasião
faz o ladrão”,
vida a fora!

Macabeando na vida

Não se sabia
existente,
senão como
Mulher,
muito menos
como gente.

Remava em seu
próprio corpo,
inconsciente(mente),
ausente, e sempre,
ao findar da lida
em trilha contida,
se portava,
estranhamente,
nem alegre,
nem triste,
descontente.

Era uma vida
desengonçada,
desajeitada,
de uma alma,
ingênuas,
“meio roceira”

submersa na
“besteira” de
um não viver
sem eira,
nem beira.

Se escondeu,
diminuiu,
nunca se achou,
nem se viu
não aprendeu a ver
sua beleza.

E por tudo que lutou
nem amou,
nem conquistou,
nem viveu,
nem esperou, (...)
só existiu, (...)

Isto porque não viu,
mas só sentiu
a dita e não bendita,
tão desejosa
e também cabreira:
“a hora da estrela”!²

2 Poema inspirado em Macabéa, Personagem do Romance “A Hora da Estrela” (1977), de Clarice Lispector.

A fugitiva

Fugi de mim
pra não ser eu
Vivi meu breu
a me ferir.

No espelho,
não consegui fingir,
me vi florir
e me (re)encontrei;
me achei!?

Por muito, enfim,
me vi em minha
própria intriga.

Venci minhas
batalhas.
Refiz minha
guarita.

E, por fim,
reconheci assim,
que fui de mim
“a fugitiva”.

Advertência

A intuição
é uma bruxa
milénar
que mora dentro
de mim,
e comigo
vive a
falar,
e a
apontar
o estopim.

Quando não
a dou ouvidos,
os preços passo
a pagar.

Quando olho
no espelho,
me ponho
bela e feliz,
ela gargalha

e me diz,
sem demora
e sem meiguice:
- Quem mandou
não me escutar?
Eu Te dei pistas!
Eu Te falei!

Ao fim de tudo,
da esquisitice,
fui eu
quem mais
Te
disse!

L'âme du poète

Alma de poeta
é poço sem fundo.

Nela cabem
os versos todos
das desventuras,
dos tormentos
aos encantos
mais profundos
do mundo.

Às vezes, intuitiva,
quase sempre, ebulitiva,
a captar as querências
e essência
de nossos recôncavos
mais profundos.

Conjugativa

Conjugo o labutar
porque o Amar
está puxado.

Logo se vê
que nos percursos
das querências
os discursos ficam
no coração,
propositalmente,
muito bem
acomodados.

Se vê que os
desdobramentos,
quando o caso
é sentimento,
ficam só na emoção
sem falar
nem dar recado,
naquele canto guardado
para não dar confusão;
e finda a conjugação!

Toxicidade

Maribondo voa,
voa, voa, voa...
voa mostrando
toda a liberdade
que há
a se desfrutar
no ar, mas pica,
lança veneno
e faz algumas
partes do ser
e/ou do viver:
inchar
doer e até
sangrar.

É inseto
que ferroa
quando é encurralado
deixa ferrão e veneno
em quem o quiser
apertado trancado
assujeitado.

Oh, bichinho inteligente,
engenhoso e danado
só carece que as gentes
que se fazem de inocente
reconheçam e não se esqueçam
de seu recado:
que “a céu aberto”
é que é
o seu
roçado!

toxicidade

Tatuagem

No ritmo do nem ata
nem desata, silêncio
também é resposta!

E da vida
as existentes encostas,
vão (re)alinhando do destino,
a vicissitude perdida,
pelo peso suportado
das coisas sobre as costas.

Mas, silêncio, em excesso,
e sem valia, é também
e, simplesmente, sinônimo
não de coisa qualquer,
mas tatuador
de covardia!

Estado

Sigo em estado
interessante,
diferente do
de antes,
vou vivendo
e construindo
minha própria
regalia.

Vou labutando,
escrevinhando
e poetando
em meu novo
necessário
“estado
de
poesia!”

Pisca pisca humano

Em instantes sinuosos,
fecho e abro os olhos
para defenestrar
desaforos imaginários
sobre as hipocrisias,
cotidianamente, lançadas
aos ouvidos do mundo.

Em seguida,
respiro fundo,
levanto as pálpebras
e dou sequência
a minha fabricação
de sonhos profundos;

Quero um mundo
onde o verde e amarelo
volte a ser orgulho.
E as ruas sejam
convites à vida.

E a TV e a NET,
ao invés de armas letais,
sejam instrumentos
de (re)conexão, reflexão
entre as gentes.

Abro as portas
e porteiros
de minha
humanidade.

Querubina!

Era noite de segunda,
e a brisa colombina,
veio e me “pegou de jeito”
e nem ao menos
questionou
o fato de eu ser
me-ni-na!

Dispensou os preceitos
me pegou daquele jeito
revoou vida em meu peito
a menina que fascina
a Bela brisa, vento leve,
doce toque
Que-ru-bi-na!

Tic, Tic, Tic...

Relógio quebrado,
na parede vida,
falseia horas
exatas!

E o tempo, apressado,
corre a se contentar
com o pouco do ata
ou desata nesse
autossabotar.

Foge o tempo
morrem as horas
e sem demora
a vida, em serpenteado,
encontra seu próprio singlar
sem que nem Tu
nem Eu,
possamos ao menos,
pitacar.

É tempo, relógio doente,
e de horas enfermas
a vida atrasar!

Acordaaa!
É novo o dia!
É Vida Faminta!
No correr das horas
em galope,
estridente
Tic Taquear!

tic tic tic

Alma performativa

A ilusão santifica os demônios
aproxima os humanos
de si mesmos
quando as cascas das feridas
são arrancadas!

E o véu da mentira
desliza sobre a face
dos embusteiros.

E assim, não há máscara
que se sustente,
por muito tempo,
em rosto narcisista.

E o espelho água revela a alma,
desumanamente, performativa!

Coisa de dentro

O pássaro preso canta,
sim, sim, sim... e encanta
porque nele há vida
à lançar ao universo.

E o verso de seu reverso
é protótipo de felicidade!
Faz do gorjeio
a liberdade cifrada.

Sabe que é por dentro
que porta de alma
é destravada.

Canta, gorjeia
e fecha os olhos
para sentir a brisa
de dentro
da gaiola
vida!

Também sabe que
desconforto
com ou sem medida
ou ainda a
Liberdade
desinibida
é coisa
de
dentro
da
lida
vida!

coisa de dentro

Anotação

E como há insanidade
na busca por companhia
para se ficar sozinha
na casinha campo cidade.

É gritar em frente
ao ventilador, ligado
e desejar ser ouvida
lá do fundo do quintal
do interior
até a distante porta
da cozinha.

É jogar em desigualdade
É se autossabotar
e por culpa na bendita
da “sodade” a castigar.

É sentir o desespero
não daquilo que um dia
foi assim, mas da “sodade”
sem fim
que ora sinto
de mim;
a desvencilhar-me
enfim
de minha própria
carcereira liberdade!

A menina e o vento

À Manu

De olhos cerrados
a pequena sente
a vida.

Colhe a brisa
em seus cachinhos
castanhos.

Faz-se luminosa
nos raios solares
da manhã.

Em um fechar e abrir
das janelinhas
de ver o mundo,
reencontra as lindezas
que a cerca.

Solta o largo riso
para mim enquanto colhe
as minúsculas florezinhas
do jardim multicolor
da casa da vovó.

E assim,
enquanto o destino
redesenhado se cumpre,
a Menina colhe o vento
na face inocente.

Inconscientemente,
em suspiros, Ela se recolhe
e reconecta os mundos,
segundo a segundo,
enquanto me reencanto
ao vê-la com a vida vento
a brincar por lá!

A estrangeira

Perdida em si
na aparente vida louca
nas terras de seu sem fim
“sem eira nem beira”.

Nadando em seu próprio mar
de horizontes sem fim
ver-se em seu querubinar:
entre o falar e o mostrar.

Olho no espelho da vida
e me reconheço deslocada
incabida, estagnada na estrada
era para ser óbvio
o tracejado dessa jornada.

Enquanto não se descortina,
faz de mim,
mulher menina;
a estrangeira,
quando deveria ser
de mim;
a feiticeira!

Elétrica(mente)

A raia
uma meia espécie
de rara aia
ou arraia ser
translúcida de saia
em seu frágil parecer,
Só deixa a presa saber
de seu poder
quando já fora
quase quase
eletr(ocultada).

A raia trabalha
inteligentemente
com a mente
que sob hipótese
nenhuma falha.

Laços ou nós?

A língua invisível do silêncio
Estrangula a alma prestimosa
Quando tece a espera desditosa
Das agruras dos dias inclinados
Só quem segue atracado no passado
Sente a vida sem perfume e sem rosa.

Muitas vezes, a mim mesma tenho dito
Que unirmo-nos em laços é bonito
Desde que haja sentimento em dó maior
Mas se tudo for minguido ao infinito
E os descaminhos for de causar dó
Ajustemos os laços e os nós esquisitos.

Lembremo-nos de que, na vida, o mais bonito
Não é ter companhia ao infinito
Mas ter laços e desembaraçar os nós.

Afirmação

Afirmo
e
(re)afirmo
sem
reservas
e com
vontades,
o “boicote”
é o
estratagema
dos fracos
de carácter
e dos
covardes!

afirmação

Tenência

E de tanto se Amar
e me Amar,
olhava sabiamente,
o molho das chaves
dos destinos.

E, em sabedoria,
repetia, diante do espelho:
de fato, “os fins, definitivamente,
não justificam os meios!”.

Logo, presença boa
é a que fica, por querer,
fruto de seus próprios anseios!

Temperatura

À Antártida a frieza
é aceitável.

Tem olhos
cor de neve
e dessa cor
vê o mundo.

Ao menor sinal
de calor:
corre
se embrenha
se esconde
e alcança a temperatura
de seu pavor,
aquela dos noves fora;
as ditas do zero Amor!

Faces

Gente, também, pode ser
moeda!

Há que se conhecer
a dupla face.

Não se trata de ver
seu valor
nem tão pouco
sua idade.

Mas, o que a superficialidade
não mostrará, é o que habita,
camuflado(a), na(s) dita(s);
ver-
da-
des!

Percurso I

O ruído de dentro
A boca muda
O coração inquieto
A alma aflita
O viver enfastiado
O pulsar do peito gritante
O fastio de ouvir asneiras
A vontade de correr pra dentro
O desejo de fechar certas portas
A vontade de (re)construir
os sonhos que se perderam
ao longo do caminho
A necessidade de (re)encontrar
e honrar as trilhas
do necessário
caminhar!

Percurso II

Eu mudo no mundo
Mudo meu mundo
Fundo do fundo
Poço com e sem fundo
Casa de portas fechadas
Peito em plena pedreira
Vida com peso de asfalto ao meio-dia
Fatos e atos fora do compasso
Disfarces e quimeras vistos da fresta da janela
Vida, fome, sede, sentimentos, sentinela
Querer, querência, querelas do viver
no aqui, no ali, no acolá, de tudo quanto
poderia ser, mas despercursou,
não soube ser, não deu pra ver,
não pode ser
só viu e eclodiu
o amor, eu e você!

O bicho

Quando o bicho de mim
sai a passear, temo pelos destinos alheios.

Embora minha criança interior
brinque leve e solta
a adulta se põe a assisti-la à distância!

Nossa con(vivência) trafega
sobre os fios de alta tensão
Barganhamos todo o tempo
Dou-lhe práticas espiritualistas
à saciar-lhe as fomes.

Em resposta, ele retribui com sua ausência
Nessa hora, respiro fundo e novamente,
volto a humanidade que me é própria!

Karabanizou³

O espinho cravado na coluna vertebral
de Karabá não a faz, mas a deixa má.

Aquele que muita dor causou
traz consigo a maledicência
de quem lá o plantou.

Mas, quando cuidadosamente retirado,
junto com a dor, a Karabá, vendida por má,
volta a ver que o que passou, mostrou
que naquele, seu peito, aparente jardim
sem cor e sem flor, no fundo, bem lá no fundo,
ainda, escondia aquela nobre senhora,
na nova aurora, o amor em flor, de outrora,
de sempre e de agora!

3 Poema inspirado na Personagem KARABÁ (a Feiticeira), protagonista do Filme Francês “KIRIKU ET LA SORCIERE”, que é baseado na Tradição Oral Africana (África Ocidental). Dirigido por Michel Ocelot, lançado em 09 de dezembro de 1998, na França. .

Anti-horária

Uma vida inteira
leva-se a compreender
o óbvio
por isso, precisa-se
de intento
Entende-se que
a movência,
do auto conhecer,
ao invés de,
para fora,
é para dentro,
do
ser!

No seu lugar

Na complexa seara
do desconhecer
o dia do desistir
poderia ser
exatamente
o dia de recomeçar.

O suposto pingo nos “is”,
nem sempre é o que
esclarece o sentido
das orações
insubordinadas
conclusivas.

“Is”, sem pingos, também
constroem frases que
(re)escrevem vidas!

Performativa

Ela subiu ao palco
porque de histórias
e personagens reais
transbordava.

Articulou, discretamente,
alguns dos destinos tantos,
que no transcurso do viver
arquitetou para si.

Falou da performatividade da vida,
sobretudo, das vidas alheias.
E ao findar dos breus transcurtos
o quadro encenado na vida coliseu
nunca é sobre o meu e/ou o teu
mas sobre os nós dos nossos “eus”!

Atrevida(mente)

Diante do visível disse para parar
nem quis reflexionar não me ouviu
ensimesmada quis desacelerar
disse sim, não mentiu, nos diluiu.

De casa enredada, peito em alvoroço
deixou tesa a alma que era calma
a espinha dorsal e o dorso pescoço
no infindo flexionar da alma.

Quando avistou a dita hora descontente
o indizível daquilo que já era quase tudo
fez-se torre, desabou, silenciosamente.

E em brilhos escondidos no multicolor sobretudo
no canto dos lábios mudos atrevida(mente)
no performar, fechou cortina do sonhar e tudo.

Sobre ela

Liberdade
não tem preço

Falo por Deus
nosso senhor

Tem sede
fome vontade
além de grande valor

É um alívio
para a alma

É para o peito corpo
casa cobertor!

sobre ela

O sino

Soa e ressoa o sino
que em seu labutar
cumpre o dito certo destino
mas se deixa de cumprir
com o que “tem que ser”
se perde de um proceder
que, há muito,
deixou de ressoar com o
seu próprio ser,
unicamente,
pelo medo,
daquilo que poderia
parecer!

Ostra...

Empoderada!!

Querida,
mulheres como você são conhecidas por carregar a
guerra
entre
os dentes
e, no entanto, conseguem fazer deslizar palavras suaves
da língua.
Você os desconserta porque tanto
a batalha quanto a paz se adequam ao seu corpo.

Upile Chisala

Eu... Ostra!

Nas braçadas
águas da vida,
nas quais me feri,
nas mesmas
ben(ditas) águas,
também,
me (re)fiz.

Das intempéries
feridas, marcas,
queloides que
dilaceravam minh'alma,
e em "desalma",
ora limpa,
ora (des)lavada,
juntei as impurezas
(re)vi, as "certezas",
Me (re)construí.

Soltei a âncora
do medo,
da esperança
fiz brinquedo
a buscar sonhos
raiz.

E do doer do
Viver
Abraçei o que
quis Ser
Vi e (re)vi que
o que fiz
Foi desatracar
do porto,
outrora bom,
mas, ora
Transformado
“vis-à-vis”
em desgosto
a arrancar-me
e distar-me
do posto que
sempre quis.

E sem demência
de posse dessas sabenças
Entendi da vida
a sentença, sem (des)crença,
sem encolha, com escolha,
pois que se acolha
as procelas do viver:
ou se é ostra e se assume
com as devidas cautelas
ou se consome
a infinda querela e o primor
da frase, límpida singela,
que a todos logo ben/m(diz)
do/no sem a cem
de que, em verdade:
“ostra feliz não faz pérola”⁴
Pra NIN - GUÉM!

4 Título do livro **Ostra feliz não faz pérola** (2008), de Rubem Alves.

Recado de minh'alma

Menina moça

Mulher

Largue tudo

que já foi

Seja firme,

confiante,

abraçe,

o que vier.

Solte as

rédeas

quebre

algemas

se desgarre,

dos dilemas,

pare de

so-bre-vi-ver.

Entenda,
de uma vez,
Na vida,
quem é
freguês,
já sabe
se colocar.

Vai,
Levante,
pise forte,
E faça
da fé
seu norte,
e vem
pra
vida
Bailar.

Conjugação debochativa

Debocho
debochas
debocham
Debochamos
pelo simples
ato fato
de
podermos
debochar.

Após conjugado
o necessário verbo
é que se vê.

Só debocha,
da/na vida,
com precisão
e riso na cara
quem, sabiamente,
descobriu e entendeu,

compreendeu
da vida as engrenagens,
das humanas relações,
vida e existência
afora
na ação
felicítosa
da
debochagem
laboriosa!

Transmutativa elementar

Com terra
faço germinar
sementes, mas
também sonhos
e esperanças.

Com água
faço florir
as ervas plantas,
mas com poesia
sacio a sede
de justiça
e afeto
que há
no
mundo.

Com fogo
faço delícias
gustativas,
mas também
com o calor
faço amor.

Com ar
faço as roupas
do varal secar,
mas faço
as turbinas
do avião
da vida e
do coração
trabalhar,
voar.

Com éter
faço solventes,
óleos, pólvora,
seda artificial,

mas para reduzir
as dores e “o mal”,
por fim,
faço o bendito
anestésico
local.

Com um tantinho
do primoroso
sapiencioso
manejar
faço
a
transmut(ação)
elementar!

transmutativa e leme

Banco de reserva

Bateu o olho
caiu de encanto
viu breu no olhar
desacalanto.

Se perdeu
entre as nuvens
dos enganos
recebeu diagnóstico
de espectadora.

Caiu a ficha
chutou o balde
olhou pro horizonte
e viu que tal espaço
era por precisão
tão bom de voo.

banco de reserva

Apeou da ilusão!
Montou a vassoura
da razão, pois
só o que faz bem
para o coração
é que melhor
se conserva.

Vestiu o uniforme
do viver
e sem explicar
porque
recusou
o banco
de
reserva!

Floreamento

O que quero
de Ti
não é tua
liberdade
ela Te pertence
é o troféu
por tuas
labutas
é afago
para tu'alma.

Quero é o néctar
de Teu amor
que, em flor,
se derrame
inteira
sobre meu
floreamento
ora adormecido
ora umectado
ora em solidão
mais que
esquecido!

floreamento

Com as pedras

No roçado da vida
semeio, cotidianamente,
esperanças.

Nele, também sou catadora.
Uma recolhadora de substâncias brutas.

E de todas as pedras que já me atiraram,
vida afora, construo com elas
um colorido banco de jardim sobre o qual
me sento para apreciar o horizonte
enquanto (re)construo meu
universo de sonhos
a realizar!

Sim, caçadora de pedras
não a atirar, mas
a transmutar!

Chega...!!!

Hoje, no dito,
dia dos afetos pares,
paro de alimentar
a ilusão.

Seguro meus medos
pelas mãos e afirmo
sem confusão:...

Chegaaa... Nêga!
Já deu de fechamento
com a tensão.

O que é dor e engano,
não pode ser alegria,
nem ter lá grande valia.

Resguarde seu coração!
Segure o cabresto de seu destino!
Contenha, realinhe sua emoção!

Siga com precisão e, em autonomia,
vai tocando o sino do porvir,
vai cantando e dançando
ao ritmo e ao som
da Gratidão!

cheer!!!

Embarcação

Na embarcação
de minha vida
a capitã
de meu clã
sou eu!

Não abro mão:
do vento na cara
do mar que não para
da brisa no corpo
da água e do sal
igual às outras águas;
do rosto
em desgosto.

Assim, a ratificar nesse afã
Na embarcação de minha vida
embalada, agora, por
meu próprio clã.

Faço de meu lar
um colorido divã
Isto porque sou
eu mesma
a fiel e decidida
a escolhida
de minha vida
capitã!

E assim, remando
e (re)formulando
a emoção
vou blindando
a prestimosa
embarcação!

embarcação

Alto-mar

Em mim
mergulho fundo
nesse meu desaguar
de mar profundo
a me tragar.

E como peixe
desbravador
no mar da
vida.

E como ave livre solta
nadadora que sou.
proclamo em meu alto-mar:
Sou meu próprio lar,
de Arte, Amor
e Vida!

alto-mar

Autoexplicativa

Quem é molhada
não fica parada
a morrer em algum
ressecado torrão!

Isto porque
Gente molhada
não se submete
a nada, menos ainda,
a padecer, na seca,
e também à míngua
pelas prestimosas
mãos da ingrata
e enganadora
ilusão!

O que não cabe

A subserviência
essa cruel artimanha
das almas maliciosas,
em essência é casa
que não é lar.

É roupa que não
me veste.

Sapato que não
me calça.

E, definitivamente,
mas não por acaso,
por a tanto não caber,
nem comportar,
o meu sonhar!

Em realidade

A realidade é bigorna,
posta nos ombros,
em dia chuvoso e enlameado.

Por não ser escrava dela
dou-lhe logo meu recado:
– Quero é vida em inteireza;
com leveza de nuvem,
cheiro de chuva,
calor de raios solares
e dia de céu azul.

Dos que se encerram
com noite mesclada de estrelas
que piscam pra mim
e lua que, faceiramente, me paquera
enquanto a contemplo!

A criadora

Primeiro criei a ilusão
Depois veio a confusão
Logo após a conclusão do que
recusei a entender.

Não fui só eu!
Não houve nós!
Nem foi você!

Me belisquei para acordar
Mas sem querer nem precisar
Fui a mentora e criadora
de meu próprio
Ilusionar!

Margarida em flor

Em carne viva
eu Margarida
de meu próprio jardim.

Para curar, a querela do sem fim,
enfei o dedo na aberta ferida
de meu caminhar em tom carmim.

E no sequenciar
da inglória história:
sangrei e chorei,
mas por carência
de minh'alma escola,
fiz do quelóide em flor
aprendizagem de dor
e autorizei-a a parar
dizendo Sim a Mim!

Artilheira

Não quero ficar
“na cara do gol”
a vida inteira.

Dou voltas
na autossabotagem
engessada em meu sonhar,
em minha vida,
decido o meu lugar
minhas viagens.

(Re)organizo a mudança:
largo os pesos, faço a louca
abro a boca e liberto
a de outrora;
a trouxa!

Enxergamento I

Hei... Psiu...

Fica esperta e abre o olho
saia já da dieta e aparte-se da quieta
(in)consciência do caolho!

Se atente, se (re)orienta
Se retro(alimente)
Perceba que nem todo verde
é alface, couve ou repolho.

Tinta dourada pintada, na calçada,
meio fio ou na sacada,
nem foi, nem é, nem será
nem de longe ouro!
É, no máximo, belo besouro que,
com muito esforço e alguma similaridade;
é proeza de teu fiel dileto olho!

Enxergamento II

Ela me olhou, fixamente,
bem lá no fundo, como se de mim
conhecesse os segredos mais profundos.

Não sabia era de nada!
Enquanto eu por dentro gargalhava
do que ela, empolgada,
achava que sabia.

E na vida seguimos,
por caminhos
esguios e desvios.
Ela me enxergando
córrego.
E eu, desaguando,
tal qual rio!

A lançadora

Minha vingança
é lançar bênçãos,
sobretudo, aos lançadores
de vibrações contrárias.

Lanço é boa sorte, prosperidade,
realização e sucesso.

É que gente feliz se ocupa é
em constatar as bonitezas do universo,
enquanto administra, bem de pertinho,
sua própria vida/sina.

Lanço *good vibes*
para colher tranquilidade;
nos pequenos domínios
de minha cidade!

a lançadora

Beija-flor

Eu, beija-flor, consciente
de meu autoamor
compreendi que
do ser e querer
provar do saber
é entender que
flor é flor,
como eu,
beija-flor,
em qualquer
lugar!

Beija-flor, abre tuas asas
confia em Ti e em teu Voar
lembra-Te de que
És único e que sabes
planar no ar!

beija-flor

Liberdade inventada

Não quero a
Liberdade
em
palavra.

Quero é o vento
que ela proporciona
a cara tocada
por brisa em disparada
que me traz
contentamento
em
Liberdade
suada malhada
Conquistada
Vi-vên-cia-da!

Remetente

Poema endereçado
sempre foi mérito
do remetente,
nunca nobreza
consciente
do destinatário!

E nesse itinerário
de amante indolente
insistente

Findo o verso
fecho no envelope
a carta
manifesto
digo adeus
e me despeço!

Conselhos

Já está tudo decidido!
Que de hora em diante,
que ninguém seja
errante, e deseje
me calar.

À vida
sem desespero
não basta olhar
no espelho
para se apreciar.

É preciso que
se diga
finde com
magoas
intrigas e
se ponha
a meditar.

Seja grato,
abandone devaneios,
reconheça
os teus esteios
para te fortificar.

E sem nunca
desvencilhar,
siga a ouvir escutar
dos de hoje e de outrora
os bons e sábios
conselhos
dos
Sagrados
Baobás!

Oracular I

Meu silêncio é laborioso
transpiro esperança
e rabisco sonhos.

Sobre o papel virtual,
lanço os búzios palavras,
a materializar destinos meus.

Nas redes, sou sede de quase ausência.
Desejo ser presença do lado de dentro.

Meu avesso anda reflexivo!
A roda gigante da vida
lança-me a observar
as oraculares possibilidades
diluídas nos horizontes dos porvires:
nas cartas, búzios, cristais... Enfim!

Oracular II

Da fera de mim
sou domadora
Não uso arreio nem esporas
agora, como outrora
Nesta hora nem senhora
mestra ou doutora
a arrebanhar os destinos
de meu querer.
Sou chicote, voz, labuta e vento.
Sou o pensamento que,
veloz e em movimento,
é seu próprio guia,
oráculo, mestra
vigia
e
senhora!

Crime inafiançável

Me olhou
com olhos de cobiça
desafiou
seduziu
provocou
Fez o boicote
e decidiu, sem me consultar,
me aprisionar...
é que pra ela...
eu tinha que ficar...

Sentia-se minha dona, proprietária-mor,
que eu era sua, sem direito de acabar.

Se enganou... findou!
Quebrei algemas do falso amor
e abri as asas de meu voar!

Atleta pluviônica

É inútil tentar
parar, conter
a água
não apenas
porque ela
não quer,
mas porque ela
em essência é Mulher;
se molha
enquanto molha
es(corre)
onde
como
quando
e por
onde
quer!

atleta pluviônica

Morada

Sou pantufas,
em noites frias,
a aquecer teus pés cansados
das labutas cotidianas.

Sou a casa
onde repousas teu corpo
de menina moça mulher
fatigado da labuta do viver.

Sou barco
de aninhamentos
dos afagos nossos
em minhas nossas
anti-partidas.

Sou morada
incondicional
de tuas
singularidades
em espaços tempos,
distintamente refletidas.

Sou abrigo
porto seguro, braço acolhedor
apto a acolher acalantar
ninar tua alma.

E neste ratificar
de meus tantos sem demora
de perto ou de longe
de dentro ou de fora
de nossas esperanças
Sou o Teu EU SOU
a morada cais às suas cheganças!

Fez-se oceano!

Deu a gota ao oceano
o poder de ser o todo.

E ele agora viu que era
aquela a que lhe faltava.

Foi no (re)encontro
entre aquela quase nada
e aquele quase tudo
que se deu o veredicto
poético:

“o todo sem a parte, não é todo!
a parte sem o todo, não é parte!”

E foi assim que ela, gota,
Compreendeu o mistério e fez-se oceano!

fez-se oceano!

A fuga

Fujo da ausência
do calor humano.

Corro da demência
de todo insano.

Decreto a sentença
de todo engano.

Escrevo a presença
do altruísta amor humano!

Presença Verdade
Afeto Humano!

a fuga

Proporcional(idades)

Com a régua balança
da humanidade
meço,
e peso
e faço
as contas
e afio
as pontas
desta larga vasta
e santa moça
sem idade:
a proporcionalidade

Mas se não tiver afeto
saio até de perto
renuncio silencio
e aquieto!

Sou...

Sou filha:
da terra
da água
do fogo
do ar.

E, às vezes:
do aço, do tempo compasso
a se renovar, não só do viver
mas do caminhar

Mulher das eras
de corpo mente espírito
a confrontar quimeras

Nas parcelas transcursivas do viver
a que veio aprender a (re)nascer!

Esclarecimento(s)!

Hei,
você aí,
se atente, se alerte
veja bem... nem vem!

Não sou tonta
nem tola, nem cruel
nas trilhas do tem não tem
sei dos preços que me convém!

Não trisco no Ori Alheio
nem na Dona Liberdade
de Ninguém!

Sei das altas pagas
que cada coisa tem,
Meu Bem!

esclarecimento(s)!

Amor performativo

Benzinho,
chega pra cá,
vamos juntos
dar
o
grito?

Você jura,
de dedinho,
que me ama

E Eu
um tantinho
assim, oh...
finjo que
te
acredito!

Ap(ego)

Se prende do eu
se fixa no p(ego).

E luta e (re)luta
nesse ponto c(ego).

Carência abandono
pedinte [re(n/ego)].

Solução,
Amor próprio,
remédio de ego!

ap(ego)

Conferência

Dou motivos para o riso
faço graça solto fogos
solto o grito assovio
bato palmas...

De tudo entrego um pouco
a ver o ego contente.

De pertinho de mansinho,
espontânea e a vontade
se confere a qualidade
e as condições das presas
das sem medidas
e porque não distraídas
serpentes!

Atiradeira

A pedra que atiro
é quartzo rosa.

E as impiedosas almas
desalmadas, quando furiosas
lanço as ametistas mais
formosas a transmutar
querelas e agonias,
em vida com beleza,
encanto e alegria
de pedra que se lapida,
subitamente em valia
nessa vida travessia!

atiradeira

Submersa

Sou das águas
e não gasto braçadas
nadando em águas rasa(s).

Quero é lugares
de nado farto
mergulho profundo
e brisa no rosto
ao emergir de mim;
mulher água!

Quero é a coisa mais
liquidamente concreta
entregue submersa
na vida vivida,
esmiuçadamente,
sem pressa!

O conselheiro

O sonho pegou-me pelas mãos
sentou-me no sofá
olhou-me nos olhos e,
sem delongas,
soltou o verbo:
– Moça, Tu és terra, água, fogo e vento!
Tens a chave que a tudo abre
Tens o leme a remar no mar
do entendimento
Siga, e sem receio ou medida,
vai para o mar da vida navegar
Lembra-te de não te esquecer
de que:
– Liberdade tem asas!
Abre-as, vai brincar na vida
Vai desinibida borboletear!

Labut(ativa)

Renasço todos os dias
viro águia bicadeira
mergulho em meus processos,
nem sempre de alegria,
supero minhas fronteiras.

Afio o bico nas pedras
para arrancar as velhas penas
e ver, com o nascer do sol,
as ditas novas penugens que,
após a dor me acena.

Descanso minhas feridas
para a remoçagem da pele
Para ver a transformação
no fluir do alvorecer
de dias e vida leve.

Labut(ativa)

Vendada

De fato,
a justiça
Cega,
que a muitos
finge e (re)nega
chamo a laborear.

Chamo para a vida
e para a dança
para o compasso
da criança
que ainda
sabe:
brincar
brindar
amar!

vendida

Vida bela

É a ela,
a vida bela
a quem
chamo
da janela
a um
novo
florear.

Digo
ratifico
a
balanço
e
afetuosamente
a
ponho
a
ninar.

vida bela

E não
me
canso
e mais
me
encanto
no
acalanto
de
seu
vasto
campo
do
renovar!

vida bela

Oferenda

Não se encanta passarinho
oferecendo-lhe gaiola.
Debaixo de uma árvore:
jogue alpiste
sirva água fresca
ponha a canção,
da felicidade,
a tocar na vitrola.

Feche os olhos
sinta o vento
e deixe que ele te veja
como espírito sem vaidade
e/ou maldade na sacola.

Mas como gente pássaro
que em equidade e compasso
não gosta de ser cadeia
nem de por outros em teia.

Mas que sabe ser fenda chave
abridora de distintas portas
com vistas à Liberdade!

E neste oferendar
das coisas do viver penar
em fases multifacetadas incertas
na verdade, é nesse intento
que se percebe das vias
heréticas “corretas”
que a razão da não ação,
não é “culpa” da gaiola, não,
mas do pássaro de asas mãos,
que por medo no coração, ainda
não viu com precisão, que a porta
sempre esteve aberta!

Sob as cinzas

Embaixo de toda cinza
há de ter algum carvão
que ainda mantém
calor suficiente.

E após o sopro dos
novos ventos tempos
refazer-se em remoçada
brasa em vermelho
tom ardente.

Agora voltando a ser
brasa casa é também
prenúncio de labareda
estopim predestinado
a por fogo em seu clarim.

Reduzido o fogo
das querências
controladas as brasas
do necessário recrudescer
sanadas as feridas

de nossa casa asa
é hora de renovar
o ser.

E agora,
no sob as cinzas,
a brasa,
chega-se ao veredicto
do viver: só se faz
Fênix quem colhe acolhe,
com afeto certo,
os per(cursos)
dos remorrimentos
de seu viver!

sob as cinzas

Retrovisor

Agora é preciso que vos diga
Olhei no retrovisor da vida
Revi percursos, caminhos e guaridas
E para recuperar a direção de meu carro vida
Reafiei a tímida navalha dos contidos desejos
Redistribui os endereços de/para minha atenção,
afagos, abraços e beijos...
Reativei a vontade de soltar sementes
de esperanças ao vento

E assim, carregada de sede de vida,
em realinhamento...
E, em dores de partos querereres
Reescrevi a rota dos sonhos
Porque hoje me proponho a voltar
a esse espelho retroflexo
no qual estou a me mirar
E sem demora, nem impasses no contar
de minhas histórias memórias

Reabri a porta da vida sentida
a acolher os raios do sol da esperança
que em bonança desinibida
voltará, em fé e afeto, novamente,
sinuosa, serelepe e contente
a me reencantar!

referências

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

CHISALA, Upile. **Eu Destilo Melanina e Mel**. Leya: São Paulo, 2020. Disponível em: <https://asfiles.com/48tS7~pdfviewer> Acesso em: 14 out. 2022.

IMAGEM CONCEITUAL DA CAPA

VENEMA, Niesje. Concha/Ostra. Disponível em: <https://i.pinimg.com/550x/32/9d/65/329d6546104731a5afd1d2756f9085fa.jpg> Acesso em: 15 ago. 2022.

posfácio

O livro *Eu... Ostra! (Poemas)*, da Poetisa Edy Justino, em sua primeira publicação solo nos presenteia com oitenta e um poemas com temáticas reflexivas e que retratam questões quanto ao empoderamento da mulher. Acredito que você leitor ou leitora, percebeu que a Poetisa distribuiu seus poemas em duas partes, nomeando a Parte – I, de **Ostra - Reflexiva** e a Parte – II, de **Ostra - Empoderada!**

Então, podemos nos perguntar o porquê dessa divisão e, como a distribuição realizada pela escritora e poetisa colaborou na apreciação dos poemas que compõem cada parte e que recado ela quis passar para o leitor?

Passeando pelos poemas que compõem a Parte I da **Ostra Reflexiva**, tomando aqui Ostra como um produto do mar, onde reza a lenda que “Uma Ostra que não foi ferida não produz pérolas.” Então, pérolas são produtos advindos da “dor”; resultados da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da Ostra, como um parasita ou grão de areia. Na parte interna da concha é encontrada uma substância lustrosa chamada nácar que, ao ser tocada por objetos externos, começam a trabalhar e cobrem o grão de areia com camadas diversas para proteger o corpo indefeso da Ostra. Como resultado, surge uma pérola, ou seja, uma Ostra que não foi ferida, jamais produzirá pérolas... pois a pérola é o resultado de uma ferida cicatrizada. Perante esses fatos é notável que a Poetisa usou o recurso metafórico da Ostra para produzir poemas-pérolas para nossa apreciação e encanto.

Assim sendo, nos poemas que fazem parte da **Ostra - Reflexiva**, o eu – poético da escritora busca reconciliação com suas dores e dissabores; pois só a partir da conciliação produzirá voos e revoadas a cada alvorecer, liberando de si e doando aos seus leitores verdadeiras pérolas como podemos identificar no Poema que abre o livro, “A Poesia”, esta apresenta os seguintes significantes: *“Sou gente de/Sorte/Todo dia a/Poesia/Essa entidade/Forte/Me sequestra da/Realidade/Me põe em/Generosidade/No banco dos/Sonhos/Que é para não/Morrer:/do tédio/da não/folia/do/VI-VER!”*.

Também encontramos no poema: “Mestre do tempo”, sendo mais notável nos seguintes versos que fazem parte da composição do citado poema: *“Esse bem fazejo/ do tempo/devolve-me/ao reflexivo ser/o precioso/alaúde/o poder de, / sem culpa, /nem desculpas, /ser eu mesma/em plenitude!”*. Para além destas pérolas, outras tantas foram produzidas e ressignificadas através do “eu poético” da Poetisa, como em: “Ocasão”; “Macabeando na vida”; “Coisa de dentro”; “A menina e o vento”; “Faces”.

Passeando, ainda, na escrita do livro *Eu... Ostra!!* (Poemas), da Poetisa Edy Justino; Parte II, **Ostra - Empoderada** vislumbro a potência quanto as metáforas e significantes que a Poetisa revestiu seus poemas... tendo em vista que esse lugar do “feminino na escrita” ainda nos é muito caro. Sabemos que viver e ser artista num país que ainda sofre e preserva resquícios do colonialismo que vivenciou e que faz questão de preservar na sociedade vestígios do patriarcado e, vez ou outra, espalham sobre nós mulheres negras, periféricas, pardas, trans, homoafetivas o descrédito sobre o que produzimos e, também sobre a nossa fala. Tendo em vista que o “machismo”, representado, principalmente pelo homem branco ainda é preponderante na nossa sociedade.

Então, vamos dar muitos “Vivas” para a Poetisa Edy Justino por ter tido a coragem de se empoderar, enquanto mulher, professora, escritora e transbordar na sua escrita o empoderamento que a natureza nos ensina, como o caso das Ostras quanto à necessidade da provocação através da dor ou de algo que nos desconforte para podermos produzir e, indo para além dessa produção, como fez a Poetisa deste livro, reverberar ao mundo seus anseios, suas potencialidades, seus desejos e querereres, como bem vislumbramos no poema: *“Eu... Ostra!!”,* que abre com maestria a segunda parte desta belíssima Obra, vejamos os versos que os compõem: *“Nas braçadas/águas da vida,/nas quais me feri,/nas mesmas/ben(ditas) águas,/também,/me (re)fiz./Das intempéries/feridas, marcas,/queloides que/dilaceravam minh’alma, /e em “desalma”,/ora limpa,/ora (des)lavada,/juntei as impurezas/(re)vi, as “certezas”,/Me (re)construí./Soltei a âncora (...).”*

A Poetisa se banha nas “águas da vida”, envolvendo nosso imaginário a visualizar essa entrega e por ela se deixar levar... ora na mansidão das águas, sentindo-se aflagada e, tantas outras de forma avassaladora proporcionando “rasteiras”. No entanto, percebemos que esta se entrega ao gosto da água que lava a sua alma e lhe proporciona verdadeiras pérolas. Podemos citar, ainda, outros poemas que nos apresentam registros quanto ao amadurecimento da escrita da Poetisa e o alinhamento que atravessa sua Obra, como os poemas: **Recado de minh’alma:** *“Menina moça/Mulher/ Largue tudo/que já foi/Seja firme, /confiante, /abrace, /o que vier./Solte as/rédeas/ quebre/algemas/se desgarrar, /dos dilemas, /pare de/so-bre-vi-ver. (...)”*; **Transmutativa elementar:** *“Com terra/faço germinar;/sementes, mas, /também sonhos/ esperanças. /Com água/faço florir;/as ervas plantas,/mas, com poesia,/sacio a sede/de justiça/e afeto/que há/no/mundo./(...)”*.

Outros Poemas que chamam a atenção, são: “Com as pedras”; “O que não cabe” e “Margarida em flor”, entre tantos outros.

Por fim, é notável neste livro, da poetisa Edy Justino a facilidade que esta tem em passear entre as duas partes que compõem à sua Obra, propostas em: **Ostra - Reflexiva** e **Ostra - Empoderada**, fisingando o/a leitor/a desejar passear, visitar, revisitado, ler e reler os poemas que as compõem e, inebriados/as degustá-los/as e saboreá-los/as em toda à sua intensidade.

Por Helena Monteiro⁵

5 Mulher, negra, periférica, feminista, ativista cultural, escritora, poetisa, contista, pesquisadora da cultura popular, Psicóloga, Graduada em Letras, Pós-Graduada em Saúde da Família, natural de Santo Antônio/RN, Sócia-Fundadora da Academia de Letras e Artes do Agreste Potiguar, Fundadora do Coletivo Mulheres Tecendo Artes das Escritoras Santo-Antonienses. Participação em 19 Coletâneas, 8 Livros autorais: As Tiradeiras de Benditos (2012); Fecundação (1997); Borboleta na Chuva (1998); As Noites e a Ventania (2003); Os Sons da Maré (2019); O Canto dos Bem-te-vis (2021); O Que Não Cala em Mim (2004) e Mulheres que amam (2007).

sobre a autora



Edy Justino - É Natural de Salgado de São Félix|PB, mas mora atualmente em João Pessoa. Professora. Escritora e Poetisa Paraibana. Feminista. Autora de Poemas, Contos, Crônicas e Aldrávias. Apresentadora, Pré e Posfaciadora de Obras Literárias Individuais/ Coletivas. Membro de Academias de Letras e Artes: AIML/RJ e da AILB/Focus Brasil - New York. Mestra em Letras (Estudos Culturais e de Gênero - PPGL/UFPB). Participante de Concursos Literários, Antologias, Coletâneas e de Projetos Literários: Elas & as Letras; Literatura Feminina; Escrevintes; e de Coletivos de Mulheres: Lobas Paraibanas; Mulherio das Letras: Sertão, JP, SP, RJ, América Latina, Espanha, EUA, Portugal,... Tem Participação em Antologia Bilingue (2021/2022), com o Poema “Canavial” na Antologia RAÍZES: brazilian women poets in translation Idealizadora. É Idealizadora e Apresentadora do Podcast Vibe Literária – (Leitura Literária Expressiva).

A Obra *Eu... Ostra! (Poemas)*, em questão, será sua 1ª obra solo a ser publicada!

Redes Sociais

01- Facebook:

<https://www.facebook.com/edy.justino>

02- Instagram:

https://instagram.com/edy.justino?utm_medium=copy_link

Projeto Literário de Disseminação-Divulgação e Fortalecimento da Literatura Produzida por Mulheres:

03- Podcast Vibe Literária - (Leitura Literária Expressiva):

<https://open.spotify.com/show/2J16l61aDiFQRH6hcQsjTg?si=6ca67e97d2c247f2>

Canal do YouTube para Divulgação de Projetos Individuais e Coletivos:

04- Vibe Literária – Edy Justino

https://www.youtube.com/channel/UC8peD_T3jQvkoCqw4GUM6IA

Ambiente Virtual para Partilha de Textos Literários Pessoais:

05- Recanto das Letras/Escrevaninha:

Perfil de Edy Justino:

<https://www.recantodasletras.com.br/autores/edyjustino>

Ambientes Virtuais onde Partilha Textos Literários e Não Literários de Forma Coletiva:

06- Ambiente de Leitura Carlos Romero (Relato, Crônica, Poemas):

<https://www.carlosromero.com.br/search/label/Edy%20Justino>

07- Coluna Mulherio das Letras, alocada no Diário de Vanguarda (Idealizada pela Jornalista Edileide Vilaça):

<https://diariodevanguarda.com.br/columas/no-tempo-da-intolerancia-um-convite-a-ciranda-da-vida/>

A poesia é um pedaço indiscutível de Deus e da Deusa e não nasce, apenas existe. Os poetas e sonhadores pedem licença para que ela se manifeste através de suas palavras e rimas. No livro "Ostra", a poesia é vista como vinda do mar, das águas claras de Janaina, onde Iemanjá passa seu manto azul para que a autora, Edy, possa se expressar artisticamente. O ato de escrever é comparado a catar feijão por João Cabral, mas para essa obra, escrever é mais como procurar as pérolas submersas nos sentidos dos poemas. Edy explora diferentes estilos e temas, especialmente aqueles relacionados às águas. Ela também saúda a Mãe Terra e observa atentamente os movimentos do Universo, levando o leitor a uma viagem por um mar de sentidos. A autora enfatiza a importância da liberdade e o livro "Ostra" é uma forma de exercitar essa máxima, com a expressão da Deusa Afrodite em palavras rimadas e a abertura de possibilidades. Deseja-se que Edy sempre se molhe de arte e luz, desde a gota d'água até os oceanos.

ISBN 978-65-5942-258-6



9 786559 422586